

DOI: 10.46943/IX.CONEDU.2023.GT08.007

ALFABETIZAR, LETRAR, LER E BRINCAR: ALUNOS DO 3º ANO DOS ANOS INICIAIS

SILVANA DIAS CARDOSO PEREIRA

Doutora em Educação pela Universidade de Campinas/Grupo ALLE/AULA. Professora da educação básica (1º ao 5º ano) da Prefeitura Municipal no norte do Paraná. pereirasilvana319@yahoo.com.br.

DAVID DA SILVA PEREIRA

Doutor em Ciência Política (IFCH, Unicamp, 2013. Membro permanente do PPGEN-Multicampi Cornélio Procópio e Londrina, Formador de professores para a Educação Básica local e regional – UTFPR-Cornélio Procópio/PR. E-mail: davidpereira@utfpr.edu.br.

RESUMO

Este trabalho é resultado da prática em sala de aula com alunos do 3º Ano do ensino fundamental 1, ou seja, crianças com 8 e 9 anos em sua maioria e que, nessa fase da escolarização, já deveriam estar alfabetizadas. No entanto, muitas delas ainda leem e escrevem com muita dificuldade, o que demanda um olhar cauteloso e práticas de ensino voltadas para a alfabetização utilizando para isso múltiplas linguagens: desenhos, vídeos curtos, textos e livros adequados para a idade. Por meio dos desenhos, são incentivadas, de maneira lúdica, a conhecer as letras e palavras que representam sons e dão nome aos objetos com os quais têm familiaridade. Por meio de vídeos curtos, podem ver outras crianças desenvolvendo as mesmas atividades e perceber que é possível para elas, também, aprender. Por fim, por meio da leitura e compreensão de textos, colocam em prática todo o aprendizado efetivado por meio de desenhos e vídeos.

Palavras-chave: sala de aula, anos iniciais, alfabetização, letramento, múltiplas linguagens.

INTRODUÇÃO

Este trabalho fundamenta-se na prática em sala de aula com um terceiro ano – ensino fundamental 1 de uma escola pública municipal no norte do Paraná. A presente pesquisa pretende enfatizar questões pertinentes à alfabetização numa perspectiva de letramento, com fundamentação nos autores: Ferreiro (2017); Ferreiro; Teberosky (2008), Magda Becker Soares (2005) e Piaget (1971) e Vygotsky (1988). A metodologia adotada tem como base a auto-observação, pesquisa bibliográfica e, para além de verificar os níveis de hipótese da escrita da criança nos termos de alfabetização e letramento, aborda a importância da leitura e da escrita, o papel do professor como mediador do conhecimento e as fases do desenvolvimento. Aborda ainda o desenhar, o pintar e o brincar.

São 24 crianças com idades que variam entre 8 e 9 anos, sendo que dois deles estão defasados em relação à idade/série: o aluno C tem 13 anos e o aluno L tem 14 anos de idade. Dessa forma, refletir sobre o ler e escrever, desenhar, pintar e brincar é uma ação para todo professor, sempre em consonância com seus alunos e suas necessidades.

1 - ALFABETIZAÇÃO, LETRAMENTO

Weiss, no prefácio da obra de Ferreiro (2017) ajuda a pensar sobre a alfabetização::

Tradicionalmente a investigação sobre as questões da alfabetização tem girado em torno de uma pergunta: ‘como se deve ensinar a ler e escrever?’ A crença implícita era a de que o processo de alfabetização começava e acabava entre as quatro paredes da sala de aula e que a aplicação correta do método adequado garantia ao professor o controle do processo de alfabetização dos alunos. À medida que um contingente maior de crianças passou a ter acesso à educação, os números do fracasso foram se tornando mais alarmantes. Diante da derrota impôs-se a necessidade de mudanças radicais. Uma unanimidade nacional que – na ausência de instrumentos para a repensar a prática falida – converteu-se em caça aos culpados. Ninguém escapou do banco dos réus: os alunos, por serem subnutridos, carentes, deficientes. A escola, por ser uma inexorável máquina de reprodução das relações de poder. O professor, por ser mal pago, malformado, incompetente. Neste momento o círculo parece ter se fechado e tudo indica que as contradições alcançaram um

nível realmente desestabilizador. Como diz Emília Ferreiro: 'Em alguns momentos da história faz falta uma revolução conceitual. Acreditamos ter chegado o momento de fazê-la a respeito da alfabetização (Weiss *in* Ferreiro, 2017, p. 7).

É nesse momento que a compreensão do processo de alfabetização passa por grandes mudanças na América Latina, onde o fracasso escolar ganha contornos políticos e sociais inaceitáveis e clama para uma mudança de enfoque: o como se ensina (método do professor) deu lugar ao como se aprende, ou seja, a criança. É necessário pensar em uma nova pesquisa pedagógica em que cada um dos envolvidos exerce um papel no processo educativo.

Ferreiro leciona que:

Tradicionalmente, a alfabetização inicial é considerada em função da relação entre o método utilizado e o estado de "maturidade" ou de "prontidão" da criança. Os dois pólos do processo de aprendizagem (quem ensina e quem aprende) têm sido caracterizados sem que se leve em conta o terceiro elemento da relação: a natureza do objeto de conhecimento envolvendo essa aprendizagem. Tentaremos demonstrar de que maneira este objeto de conhecimento intervém no processo, não como uma entidade única, mas como uma tríade: temos, por um lado, o sistema de representação alfabética da linguagem, com suas características específicas; por outro lado, as concepções que tanto os que aprendem (as crianças) como os que ensinam (os professores) têm sobre este objeto (Ferreiro, 2017, p. 67).

Uma outra autora de destaque é Magda Becker Soares. Em sua obra (2005, p. 50), essa autora destaca:

É para essa nova dimensão da entrada no mundo da escrita que se cunhou uma nova palavra, **letramento**. O conceito designa, então, o conjunto de conhecimentos, atitudes e capacidades envolvidos no uso da língua em práticas sociais e necessários para uma participação ativa e competente na cultura escrita (Soares, 2005, p. 50, **grifo da autora**).

Dessa maneira, o processo de alfabetização já não é mais pensado contendo dois pólos do ensino aprendizagem – professor e aluno, mas sim como um conjunto de elementos com características próprias: a linguagem e seu sistema de representação, a maneira como é visto pelos que aprendem (as crianças) e os que ensinam (os professores).

1.1 NÍVEIS DA ESCRITA

Tendo um espaço de discussão privilegiado no campo da educação, o processo de aquisição da língua tem, em Emília Ferreiro e Ana Teberosky (2008), contribuições essenciais a partir de quatro níveis de aprendizagem da língua escrita. São eles: pré-silábico; silábico; silábico alfabético; alfabético até o alcance no nível ortográfico.

Na proposta da psicogênese da língua escrita, as autoras afirmam que a aquisição da língua escrita é um processo que se desenvolve ao longo da vida escolar da criança, e que este contínuo. Pelas leituras feitas e estudos de outros autores, compreende-se que o processo de apropriação da escrita não acontece em um único momento, mas de forma gradativa e incessante ao longo da vida escolar e pós escolar, ao longo de processos de aquisição, ampliação e relacionamento de vocábulos.

A seguir, foram selecionadas aleatoriamente cinco textos escritos sob as mesmas condições em uma avaliação do município em que a escola se localiza. Dessa forma, todas as crianças da sala receberam as mesmas orientações para produzi-las, assim como tiveram o mesmo tempo para a tarefa.

A avaliação dos textos foi realizada pelo mesmo professor que, neste caso específico, não foi o professor aplicador. Embora as produções se diferenciem em alguns aspectos subjetivos, como uso do vocabulário e interpretação da cena oferecida para interpretação, todos se encontram no mesmo nível da escrita e prontos para seu desenvolvimento enquanto leitores e escritores que são.

Imagem 1 - Texto da aluna A

PRODUÇÃO DE TEXTO:
 OBSERVE A SEQUÊNCIA DE FATOS E ESCREVA UM TEXTO BEM LEGAL! SEJA CRIATIVO E NÃO ESQUEÇA DE COLOCAR O TÍTULO:



A menina e a pássaro
 A menina viu a pássaro no chão
 ela pegou o pássaro e levou o
 pássaro para sua casa e deu
 comida para o pássaro e montou
 ele.

Fonte: (arquivo próprio)

Imagem 2 - Texto do aluno G

PRODUÇÃO DE TEXTO:
OBSERVE A SEQUENCIA DE FATOS E ESCREVA UM TEXTO BEM LEGAL! SEJA CRIATIVO E NÃO ESQUEÇA DE COLOCAR O TITULO:



A menina e o passarinho

Um passarinho se veio machucado e chegou perto de mim para a minha casa e eu vou te dar comida e eu vou te cuidar e vou te tomar um banho e depois vou te soltar.

Fonte: (arquivo próprio)

Imagem 3 - Texto da aluna V

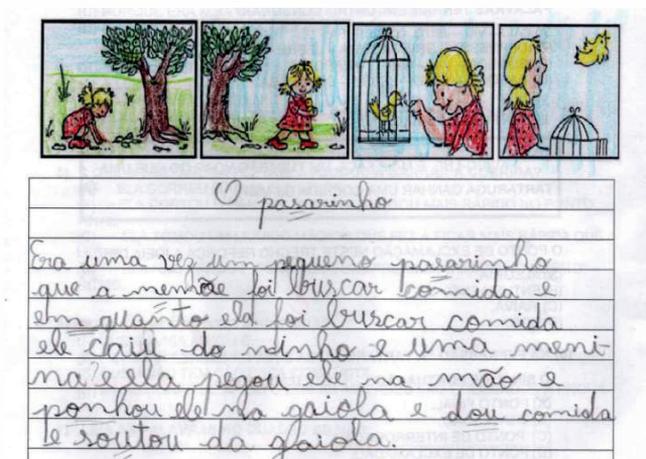


A menina e o passarinho machucado

Um belo dia uma menina que se chamava Beatriz encontrou um passarinho e resolveu ajudá-lo. Ela deu comida para ele e ele ficou muito feliz e ele voltou a voar e a menina ficou muito feliz e fim.

Fonte: (arquivo próprio)

Imagem 4 - Texto da aluna U



Fonte: (arquivo próprio)

Observa-se que, nas quatro amostras acima, todos os alunos cumpriram a proposta de produção textual a partir da sequência de imagens de uma personagem. Para tanto, foi preciso criar uma narrativa fiel às imagens. Nesse processo, a pintura das figuras é opcional. Contudo, revela capricho, coerência e compreensão aprofundada de que se trata da mesma personagem, embora as duas primeiras amostras não tenham sido completamente coloridas no tempo determinado para a tarefa.

Em todas essas produções, há questões ortográficas, de semântica e de concordância a serem trabalhadas, especificamente, nos semestres futuros.

2 - LER E ESCREVER

Para este trabalho, destaca-se que a criança passa por um processo de aquisição de escrita baseado em cinco níveis de hipóteses: pré-silábica, intermediário, hipótese silábica, hipótese silábico-alfabética e hipótese alfabética que, no entanto, não serão discutidos neste texto que, abordará apenas as produções dos alunos pesquisados:

Pelos textos acima é possível perceber que esse terceiro ano se encontra no nível alfabético da escrita, pois estabelece correspondência entre fonema e grafema, compreende que a sílaba pode ter uma, duas ou três letras. Ainda tem dificuldades na separação das palavras quando escreve e, em alguns casos, aglutina

palavras. Essas nuances de criança para criança mostram que a alfabetização é um processo vivo, dinâmico e único de participação e criação da própria criança.

A atividade de leitura e escrita a seguir foi realizada na aula de Comunicação Textual, disciplina com apenas um encontro semanal de 50 minutos com o conteúdo das Histórias em Quadrinhos (HQs). No caso em questão, os alunos já estão familiarizados com esse gênero textual e já fizeram atividades semelhantes a essa com os mesmos personagens.

Imagem 5 - Transcrição das falas - aluno D



Fonte: (arquivo próprio)

Essa transcrição se faz necessária porque as crianças escrevem a lápis. Dessa forma, não é possível a leitura direta no desenho. A grafia das palavras será respeitada.

Cascão: oi cebolinha

Cascão: cebolinha estera

Cebolinha: não voespera

Cascão: cebolinha vanmo dincar

Cebolinha: não cero dincar

Cascão: qiqeisó

Percebe-se que, ao receber a sequência de figuras coloridas, com os balões de falas por preencher, os alunos demonstram mais dificuldade para criar uma narrativa a partir de uma cena. Essa constatação empírica a partir dessa amostra, revela a predileção pela escrita de textos numa proposta mais aberta.

3 - DESENHAR E PINTAR

Esta prática de desenhar e pintar é apoiada em alguns teóricos como Barbosa (2010) e Luquet (1969) como uma forma de linguagem e expressão que, por meio da ludicidade, propicia o aprendizado. De acordo com Carvalho:

Ao mesmo tempo, é importante destacar e justificar a escolha do termo ludicidade, presente no nome do curso¹. Acredito que, por meio de atividades lúdicas, as crianças exercem suas primeiras grandes realizações. De acordo com Kyrillos (2004), através do prazer, ela expressa a si própria também sua fantasia, sendo um estímulo na parte da criação, física, emocional e cognitiva da criança, tornando-se um aliado na formação do ser humano (Carvalho, 2019, p. 4)..

As representações feitas pelos alunos e disponibilizadas a seguir fazem referência ao dia em que foram de “carreta”² passear pelas ruas da cidade. Além da própria carreta, que é bem colorida, decorada e toca músicas infantis durante o passeio, havia pessoas vestidas de personagens: Máscara, Fofão, Ben10. Esses

1 Curso oferecido pela autora a seus alunos com aulas de desenho e pintura.

2 Caminhão adaptado para transportar as crianças, professores e equipe pedagógica pelas ruas da cidade.

“bonecos” acompanhavam a carreta correndo e fazendo acrobacias pelas ruas. Os nomes dos alunos não serão revelados. Por isso, na legenda de cada representação, constam apenas a letra que o identifica:

Imagem 6 – Desenho e Pintura do aluno L



Fonte: (arquivo próprio)

Imagem 7 – Desenho e Pintura do aluno W



Fonte: (arquivo próprio)

Imagem 8 – Desenho e Pintura da aluna O



Fonte: (arquivo próprio)

Imagem 9 – Desenho e Pintura da aluna J



Fonte: (arquivo próprio)

Percebe-se, das imagens acima, que os dois primeiros se relacionam aos personagens presentes no passeio, guardam relação direta com a experiência imediatamente anterior ao desenho. Já as duas últimas produções, por outro lado, alienam-se dessa experiência e produzem representações aparentemente sem nenhuma referência direta ao passeio.

4 - BRINCAR

A frase “brincar é coisa séria” é muito considerada entre as crianças, professores e equipe pedagógica da educação básica desta escola. Tanto que a escola tem um espaço específico para isso com escorregador e balanços num equipamento entregue pela municipalidade às escolas. Há ainda dias determinados para cada tipo de brincadeira: dia do brinquedo em que cada criança tem a liberdade de levar de casa para a escola o brinquedo de sua preferência, dia do parquinho, dia de pular corda, jogar peteca etc. Isso porque, segundo Piaget (1971, p. 67): “Quando brinca, a criança assimila o mundo à sua maneira, sem compromisso com a realidade, pois a sua interação com o objeto não depende da natureza do objeto, mas da função que a criança lhe atribui”.

Imagem 10 – Representação do brinquedo do pátio da escola feita por aluna A



Fonte: (arquivo próprio)

Imagem 11 – Representação do brinquedo do pátio da escola feita pela aluna C

2) (1,0) Faça um desenho ou pintura representando a imagem abaixo:



Fonte: (arquivo próprio)

Imagem 12 – Representação do brinquedo do pátio da escola feita pelo menino G



Fonte: (arquivo próprio)

Imagem 13 – Representação do brinquedo do pátio da escola feita pela aluna M



Fonte: (arquivo próprio)

Vygotsky pensa também na mesma direção ao escrever:

Brincar é a atividade mais pura, mais espiritual do homem neste estágio, e, ao mesmo tempo, típico da vida humana como um todo – a vida natural interna escondida no homem e em todas as coisas. Ele dá, assim, alegria, liberdade, contentamento interno e descanso externo, paz com o mundo. Ele assegura as fontes de tudo que é bom. Uma criança que brinca por toda parte, com determinação auto ativa, perseverando até esquecer a fadiga física, poderá seguramente ser um homem determinado, capaz de auto sacrifício para a promoção deste bem-estar de si e de outros. Não é a mais bela expressão da vida da criança neste tempo o brincar infantil?

A criança que está absorvida em seu brincar? A criança que desfalece adormecida de tão absorvida? (...) brincar neste tempo não é trivial, é altamente sério e de profunda significação (Vygotsky, 1988, p. 226).

A prática mostra que a brincadeira é realmente recebida com muita alegria pelas crianças que, durante essa atividade, verbalizam os conhecimentos adquiridos durante as aulas mais teóricas.

Por outro lado, a representação do brinquedo não inclui os próprios alunos, diante de uma perspectiva de visão de cada um dos alunos. Representar, nesse sentido, significa cartografar a realidade em escala maior, ou seja, reduzir o tamanho real do objeto por meio do desenho e da pintura.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa qualitativa por meio da observação e análise de textos, desenhos e pinturas produzidos pelos alunos. Para isso foram usadas as produções realizadas, prioritariamente, nas aulas de Língua Portuguesa.

Essas produções foram analisadas com o objetivo de produzir conhecimento que beneficie o próprio processo de ensino/aprendizagem, lembrando sempre que ensinar é uma via de mão dupla: “Quem ensina aprende ao ensinar. E quem aprende ensina ao aprender” conforme as lições de Paulo Freire (1996, p. 12)³ em sua Pedagogia da Autonomia.

Assim, escrita baseada em imagens, HQs como resultado dos conteúdos da disciplina Comunicação Textual, desenhos e pinturas que representam a experiência do “passeio com a carreta” e, por fim, os desenhos que representam as brincadeiras dentro da escola são alguns exemplos de atividades lúdicas desenvolvidas em um contexto que permite aliar conteúdos dos componentes curriculares ao prazer de escrever, desenhar, pintar e brincar. Esses elementos dão às crianças a oportunidade de desenvolver a imaginação e a criatividade.

3 **Paulo Freire** foi um filósofo, educador, pesquisador e escritor brasileiro. **Autor de quase 40 livros, além de artigos acadêmicos e jornalísticos**, Paulo Freire, com o seu livro *Pedagogia do Oprimido*, é o terceiro autor mais citado em trabalhos acadêmicos na área de humanidades no mundo, perdendo apenas para o filósofo da ciência estadunidense Thomas Kuhn e para o sociólogo estadunidense Everett Rogers. Consulta realizada em: 16.nov.23 In: <https://mundoeducacao.uol.com.br/filosofia/paulo-freire.htm>

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As produções apresentadas são o cerne dos resultados, pois mostram como os alunos representam a sua realidade e em que nível da escrita estão. É o subsídio para as análises que dão conta de suas necessidades nesse processo iniciado e que continuará nos próximos anos, em ambientes escolares e não escolares.

A realização de tais produções ocorreu em sala de aula e a utilização dessas neste texto foi autorizada pelos responsáveis pelos alunos. Esse cuidado ético é essencial, além de não identificar a escola e os alunos individualmente (emprego de letras do alfabeto - A a W). Nesse intervalo alfabético, foram empregadas amostras para ilustrar cada uma dessas atividades.

Portanto, em meio à teoria e ao ensino áridos, é possível, por meio do estímulo da criatividade das crianças (8 e 9 anos, em regra), promover um terreno fértil e estimulador do desenvolvimento cognitivo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim, o brincar proporciona aprendizagem e integra os alunos socialmente. Pelo brincar a criança tem descobertas que acarretam o aprendizado. Pois, o brinquedo e a brincadeira introduzem a criança em um universo de sentidos não somente de ações, valorizando o imaginário da criança para a fantasia com o real, tornando o mundo representado mais desejável pela criança, pois possibilita que a mesma saia do real para descobrir outro mundo, através da imaginação pelo brincar. Pelo brincar a criança expressa seus sentimentos, sejam eles de alegrias e frustrações, este papel é fundamental para se estabelecer uma relação de um adulto confiante em suas atitudes, ou seja, um adulto capaz de estar maduro frente à realidade da vida adulta.

AGRADECIMENTOS

À Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Campus Cornélio Procópio e Londrina, Paraná pelo apoio financeiro, logístico e pela manutenção dos Programas de Formação Docente – Inicial – Licenciatura em Matemática – UTFPR-Cornélio Procópio – e Continuada – Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências

Humanas, Sociais e da Natureza (PPGEN) Multicampi Cornélio Procópio e Londrina, Paraná.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, A.M. **A Imagem no Ensino da Arte**. São Paulo, Perspectiva: 2010.

CARVALHO, A.C.S. **Desenho e pintura no desenvolvimento infantil**. Artigo apresentado como requisito parcial para aprovação no Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais, da Faculdade de Educação da UFJF, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/10488>. Acesso em 19.set. 2023.

FERREIRO, E. **Reflexões sobre alfabetização**: Volume 6. 26ª Ed. São Paulo, Cortez, 2017.

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. **Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre: Art Med, 2008.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**, 25a. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LUQUET, G.H. **O Desenho Infantil**. Barcelona: Porto Civilização, 1969.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa

PIAGET, J. **A Formação do Símbolo na Criança**: imitação, jogo e sonho, imagem e representação. Rio de Janeiro, Zahar, 1971.

SOARES, M. **Alfabetização e Letramento**. São Paulo: Contexto, 2018.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

WEISS, T. "Prefácio". In: FERREIRO, E. **Reflexões sobre alfabetização**: Volume 6. 26ª Ed. São Paulo, Cortez, 2017, p. 7.